

## BRASÍLIA FAZ MUITA ARTE

Manoel Hygino

**D**e Brasília não chegam apenas notícias das atividades do Poder Judiciário, Executivo e Legislativo; nem somente os relatos jornalísticos de desvios de conduta de autoridades e empresários poderosos. Não é assim. Núcleo maior do governo nacional, de lá procedem novidades quanto às façanhas, boas e más, de brasileiros e não brasileiros, os que aqui se destacam no cenário dos acontecimentos.

Assim, há também excelentes registros. É o caso do lançamento, no final do ano passado, de “Poetas dos Anos 30”, uma produção da ANE – Associação Nacional de Escritores e da Thesaurus Editora, que tantos e tão belos regalos literários já nos ofereceram e das quais outros esperamos. O volume contém a antologia em que Joanyr de Oliveira trabalhou durante anos, abrangendo os nomes, a síntese biográfica e preciosas criações de poetas nascidos no Brasil, na década de 30 do século que ficou para trás.

Brasília envolve mistérios e exerce fascínio, inclusive o da própria escolha daquele recôndito pedaço de Goiás para sede administrativa de um país predestinado a futuro glorioso, a despeito de tudo e de todos. No caso, elaborou-se um volume

como o que ora se distribui no país. Na orelha, Wilson Martins enfatiza a menção de Juscelino à “solidão do planalto central”, que em breve se transformaria em cérebro da administração.

Outro mineiro adverte para “a solidão apavorante da cidade”, que nasceu para dirigir-se a toda a nação, não simplesmente dirigir a nação. A capital, cujo nome repete o de cidade norte-mineira, segundo Napoleão Valadares, em 1994, tinha 793 escritores, mas Joanyr de Oliveira, em 1998, já informava que só poetas ali residiam mais de mil.

“Poetas dos Anos 30” contém o trabalho de seis dezenas deles em todo o país, como Fabio de Sousa Coutinho, presidente da ANE, teve o cuidado de somar, para a homenagem a Joanyr de Oliveira. Este faleceu em 2009, mineiro de Aimorés, que invariavelmente brindou “seus leitores com obras em que sobejam estilo e técnica apurada”.

Colhidos nomes do Amazonas ao Rio Grande do Sul, fez-se justiça a numerosos poetas, não inseridos, por motivos óbvios, às anteriores antologias, como a do cônego Januário da Cunha Barbosa, em 1831, e de seguidores no Rio de Janeiro e São Paulo, no século XIX.

Da importância de Joanyr, dá notícia a nota inserida no volume. Uma vida de luta, renhida, mas nunca interrompida, idas e vindas dentro e fora do país, a radicação no planalto central, o jornalista atuante como revisor do Departamento de Imprensa Nacional, cronista da Rádio MEC, com coluna no “Diário Carioca”, e organizador da primeira obra literária no Distrito Federal. Falar de Joanyr exige mais do que uma referência.

Entre os que participam da edição, muitos mineiros, certamente. Entre eles, Anderson Braga Horta. Em poema, descreve: “Mais um dia banal, / com os crimes, os desastres de sempre. Sobre tudo / com os homens de sempre. / E os incansáveis idealistas, / inocentes como os galos matinais, / cantam baixinho o seu protesto, a sua revolta, o seu desespero, / a sua esperança. / Há um murmúrio mal sufocado nas ruas, nos corredores, nos banheiros. / Há muito dólar por aí, não é? / E a gente vai vivendo sim senhor.”

## TRÊS PERDIDOS EM UMA NOITE FRIA

Edmílson Caminha

**P**or seis horas, entre Malmö e Estocolmo, um trem cortará o gelo da noite na Suécia. Acomodados havia pouco nos assentos, o comboio já veloz, Ana Clara, nossa sobrinha, vai por duas vezes ao toailete ocupado e avisa ao cabineiro que a porta continua travada, com algum viajante que talvez passe mal. O homem saca do bolso uma chave mestra e rapidamente desbloqueia a fechadura, como se já soubesse o que encontraria lá dentro: três jovens acuados, os olhos a traduzir o medo de que fossem descobertos, clandestinos amontoados em um cubículo onde mal cabe uma pessoa. Acompanhamos a cena de perto: o cabineiro os man-

tém trancados por longos 30 minutos; depois, no inglês com que se fará entender, ordena que saiam, e os leva para o espaço entre os vagões, até à parada em que serão jogados fora. Dizem não ter documentos, dinheiro nenhum, apenas roupa na mochila, só querem chegar a Estocolmo. “Problema de vocês! Desembarquem logo e deem-se por felizes, por não os entregar à polícia!” E assim acontece: mal as portas se abrem, os três descem para se perder no escuro, no frio, no sofrimento, na miséria a que pode chegar a condição humana.

Continuação na página 9

## A VINGANÇA DA PORTA

J. Peixoto Jr.

**N**o Nordeste rural do meu tempo de moço visitei antiga fazenda de gado cuja casa grande isolada numa elevação de terreno descampado, frente para o Nascente, oferecia visão longínqua. Herança havida por Venâncio Madeira de Melo. Casa de telhado beira e bica, em chuva torrencial a água reunida na cobertura desprendia-se do beiral e estalava nas lajes protetoras colocadas nos pés-de-parede. Na minha visita, encontrei-a inteiramente deteriorada, distorrida, dizia-se por lá, sustentava-a esteios nus de madeira que cupim não rói, permanecendo em pé como lembrança do acontecido dentro dela.

Continuação na página 11

# UMA HISTÓRIA PARA SHERAZADE

Danilo Gomes

O mar sempre me chamou. Um dia, deixei Bagdá e fui correr mundo. Fiquei por algum tempo numa grande ilha remota. O sangue aventureiro borbulhou de novo nas minhas veias e parti no navio de Sindabad, o Marujo, que havia atracado na ilha para negociar e buscar víveres. Carregamos também o navio com aloés, cânfora, sândalo e cravo. De ilha em ilha, negociando, o navio chegou a Basra. E seguimos mar afora.

Gostaria que a senhora Sherazade (ou Sahrazad) contasse minha modesta história, uma noite, ao poderoso sultão Shahriar.

Uma tarde de borrasca, o navio naufragou em terras de terríveis canibais. Sindabad (ou Simbad), eu e poucos mais nos salvamos, pela graça do Altíssimo. Percorri mais terras e mares. Conheci Damasco, Kufa, Mossul, Alepo, Cairo e outras cidades encantadoras e misteriosas.

Amei mulheres que depois me abandonaram. Ou a febre do mar me fez abandoná-las? Conheci a pobreza e a riqueza de palácios de jade e pórfiro, ouro e esmeralda. Ganhava, perdia, voltava para o mar.

Conheci terras onde viviam lendários gênios do bem e do mal, duendes, figuras estranhas do submundo, e até vi o gigantesco pássaro Roc, de natureza totemica.

Que a bela senhora Sherazade conte minha história ao “rei venturoso”, como

ela, com medo, chama o poderoso e cruel sultão, que ainda vai se arrepender, no fim da vida, quando estiver prestes a acertar as contas com o Altíssimo. Um gênio do bem me disse, no deserto do Egito, durante uma caravana, que o sultão se casaria com a sua bela contadora de histórias, mãe de seus filhos.

Neste momento, depois de uns dias em Bagdá, reunido com meus amigos no Café dos Príncipes, no mercado, estou novamente no mar, acompanhando Sindabad, o Marujo, vendendo e comprando mercadorias: tecidos finos, ouro, prata, pedras preciosas, especiarias.

E o sultão, já com sono, dirá a Sahrazad (ou Sherazade): “Como é bela a sua história!” E ela responderá ao soberano: “Você ainda não viu nada da minha história. Na próxima noite eu lhe contarei algo mais admirável e espantoso, se eu viver e o rei me preservar.”

Graças ao Altíssimo, sobrevivi a quatro naufrágios, em companhia de Sindabad, o Marujo, personagem das “Mil e uma noites”. Conheci terras e mares e até os esplendores, não todos, do palácio do califa Haarum Al-Rachid, poderoso e sábio.

Meu nome? Diante da magia e dos tesouros literários, do maravilhoso das “Mil e uma noites”, meu nome não é nada e se perderá na cósmica vertigem do tempo. Meu nome será apenas uma pequena estrela apagada e distante no céu de Bagdá.

## Soneto do Mês

### SONETO

Pedro Luís



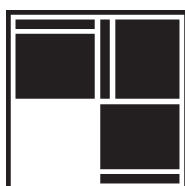
Fitando longe os teus passados dias,  
Vendo tingidas de mortais palores  
Trêmulas crenças entre murchas flores,  
Em pó desfeitas puras alegrias;

Em sonho, em riso, em lágrimas, dizias:  
“A noite rola fúnebres vapores...  
Mas brilha a estrela d'alva! Aos seus fulgores  
É verde o campo, o mar tem harmonias.”

Era esse filho que adoravas tanto  
Na densa névoa d'alma entristecida,  
Azul estrela, da alvorada o canto.

Cedo trocou-se, na estação querida,  
Do orvalho a gota em pérola de pranto:  
– Morreu em flor a flor de tua vida.

(Seleção de Napoleão Valadares)



## Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3244-3576 / 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA  
2015-2017

**Presidente:** Fabio de Sousa Coutinho  
**1º Vice-Presidente:** José Carlos Brandi Aleixo  
**2º Vice-Presidente:**  
**Secretária-Geral:** Maria da Glória Barbosa  
**1ª Secretário:** Marcos Freitas  
**2º Secretário:** Jolimar Corrêa Pinto

**1º Tesoureiro:** Salomão Sousa  
**2º Tesoureiro:** Ariovaldo Pereira de Souza  
**Diretora de Biblioteca:** Thelma Rocha Pinheiro  
**Diretor de Cursos:** Edmilson Caminha  
**Diretor de Divulgação:** Wilson Wander Lopes  
**Diretor de Edições:** Afonso Ligório  
**Conselho Administrativo e Fiscal:** Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera e Napoleão Valadares.

## Jornal da ANE nº 77 – Abril / maio 2017

### Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

### Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Danilo Gomes,  
Edmilson Caminha e Adirson Vasconcelos

### Revisão

Napoleão Valadares

### Programação Visual

Cláudia Gomes

**Composição e impressão:** Centro Editorial e Multimídia de Brasília.  
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738  
[www.thesaurus.com.br](http://www.thesaurus.com.br)

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# Freud passado a limpo

Vera Lúcia de Oliveira

Ele não disse: “Eles não sabem que lhes trazemos a peste”; ele não teve affaire com a cunhada Minna; ele não ironizou a Gestapo... Essas são algumas lendas desfeitas por Elisabeth Roudinesco a respeito de Freud em sua monumental biografia *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo* (Ed. Zahar, 2016), provando mais uma vez que não há assuntos esgotados, quando muito, pessoas esgotadas de certos assuntos.

A empreitada a que se lançou a grande psicanalista francesa é para poucos: reescrever a história de Freud com base em pesquisa rigorosíssima, jogando por terra inverdades consolidadas sobre a vida do criador da Psicanálise, aquele que trouxe uma nova racionalidade para o nosso tempo. Com a abertura de arquivos e o acesso a uma série de documentos ainda inexplorados, Roudinesco revisa, checka, reavalia tanto o trabalho dos detratores do grande mestre, como o demolidor Michel Onfray, quanto de seus seguidores e/ou admiradores como o fiel escudeiro Ernst Jones, pois ambos os lados, por razões opostas, cometeram erros. Os que não aceitaram a nova doutrina a viram como pornográfica e Freud como misógino, reacionário, e outras coisas piores. O que ele nunca foi. Viveu numa casa constituída em sua maioria de mulheres, adorador da filha caçula, Anna, a quem estimulou e preparou a carreira na psicanálise. Teve pacientes que se tornaram suas amigas e também psicanalistas renomadas como Lou Andréas-Salomé, Sabina Spielrein, Joan Rivière e a devotada Marie Bonaparte, que além de tudo o auxiliou e a sua família na fuga do nazismo na Áustria. Foram muitas as mulheres que se deitaram no seu divã, todas tratadas com o mesmo respeito. Escutou-as como ninguém soube fazê-lo antes. Só não gostava das mulheres bonitas demais. (Medo?) Identificou a repressão sexual, o “romance familiar”, como responsáveis pela histeria. E dessa escuta atenta é que a psicanálise fez-se uma nova ciência, como ele quis, uma vez que tratou o irracional de forma racional. Essa foi a grande novidade. Mas a sua famosa pergunta “O que quer uma mulher?” deveu-se ao enigma da feminilidade, do desejo da mulher, para ele.

Roudinesco passa a limpo a trajetória de Freud desde o início da criação da nova doutrina, sua vida familiar e formação acadêmica, para mostrar a amizade, sempre apaixonada, do Herr Professor vienense com seus seguidores, colaboradores, tornados, muitas vezes, opositores. O melhor exemplo é sua amizade com Jung, o príncipe que se transformaria no patinho feio perante seus olhos. A princípio, unidos por uma grande empatia e sentimento de pai e filho, depois separados por ideias inconciliáveis sobre as bases da psicologia e psicanálise. Freud, todo razão, apolíneo; Jung, mistério profundo, dionisíaco (para tomar de empréstimo a conceituação de Nietzsche, um dos ídolos de Freud). Apesar da forte amizade que durou cerca de oito anos, a relação entre eles não resistiu às diferenças, pois um fosso conceitual os separava irreversivelmente. (Além do Édipo, a hitleria – como dizia Freud – os separou, e, mais tarde, Jung se tornaria colaborador de Göring e sua bota nazista). Esse é o caso mais famoso das amizades feitas e desfeitas do mestre. Há muitas outras. Ele perdia os amigos, mas não abria mão da construção da sua obra, que ele tinha certeza de ser a grande revolução copernicana do século 20. Uma longa e tortuosa jornada pelo poço sem fundo do inconsciente humano...

O gênio de Freud se revela desde cedo pelo interesse profundo por todas as áreas do saber. Apaixonado por literatura, leitor voraz de Shakespeare, da mitologia grega, de autores clássicos como Cervantes, Goethe e dos contemporâneos como os amigos Stefan Zweig, Arthur Schnitzler e Thomas Mann, compreendeu o alcance analítico dessa arte no conhecimento da alma humana. Leu e utilizou a antropologia como complemento da psicanálise. Afastou-se da psiquiatria do século 19, de base positivista, e ganhou voo solo. Colecionou mais de três mil estatuetas, ornamentos das civilizações antigas, que o encantaram por sua arte e desvelamento da psique humana, universal. Tinha predileção pela arqueologia e era aficionado por egiptologia. Estudou e trabalhou desde moço até sua morte aos 83 anos, já em Londres, onde era uma celebridade.

A guerra de 1914-18 tornou-o sombrio, bem como mudou a direção da sua pesquisa: passou a acreditar veementemente numa tendência do ser humano à autodestruição, que ele não teve dúvida em cunhar de “pulsão de morte”. *Em Além do princípio do prazer*, deixa claro que a morte é a companheira do amor e que juntos governam o mundo. Eros e Thanatos. Acompanhou com o coração partido os três filhos nessa guerra. Sofreu o impacto da morte da filha Sophie, jovem mãe de dois filhos, a quem não pôde dar adeus, impossibilitado de viajar, pois as ferrovias estavam fechadas naquele momento. Sofreu muitos baques, mas continuou acreditando no trabalho, na vida e na família como lugar caloroso, de aconchego, insubstituível para todos nós.

Mas o que levou mesmo a grande psicanalista Elisabeth Roudinesco a se debruçar sobre centenas e mais centenas de obras, cartas e documentos para escrever essa biografia? A resposta é simples: o amor à verdade, lição primeira do mestre

Freud, que construiu sua obra revisando-a incansavelmente: dois passos para frente, um para trás. Ela fez o seu trabalho com paixão e isenção, o que é um caso raro. E a contribuição dessa biografia está, por exemplo, na elucidação de questões como a da tradução de James Strachey da obra de Freud para a língua inglesa (Standard Edition), esclarecendo a escolha de termos como Id, Ego e Superego, em que opta por um vocabulário técnico, de origem latina e grega, evitando assim utilizar vocábulos da língua pátria de Freud, com o propósito de desvincular a nova ciência do romantismo alemão. Essa preferência pelo inglês, língua do seu poeta favorito, Milton, autor do *Paraíso perdido*, obra de profunda e elevada poesia cristã, revela o judeu Freud aberto à arte e à cultura. (Teria ele se identificado com o anjo caído Lúcifer líder de anjos rebeldes?) Essa tradução causou grande polêmica, foi criticada até por Bruno Betelheim, embora ele mesmo estivesse americanizado, uma vez que migrou para os Estados Unidos. Mas não houve nada em relação à vida e à obra de Freud que não tenha sido motivo de controvérsias. Foi um homem paradoxal, como nos mostra Roudinesco: inspirou o Surrealismo e o cinema, recém-inventado, mas não teve nenhum interesse por essas artes; aliás, criticou-as. Homem do Iluminismo sombrio, adepto da razão mas atraído pelo oculto, pela telepatia...

Amou seus chow-chows, fez uso de cocaína, fumou charutos – seu prazer barato –, criticou e foi criticado pelas religiões, pelos ateus comunistas e travou a luta do Anjo com Jacó contra a medicina, em favor da análise leiga; e contra o câncer que o fez submeter-se a mais de vinte cirurgias no maxilar. Formou uma legião de seguidores e viu a Psicanálise se estabelecer, em meio a ventos e tempestades, e ganhar prestígio no mundo inteiro. Antiamericano, temia o rumo que a psicanálise poderia ter na terra de gente tão apressada. Deixou uma obra extensa, original, de escrita que se pode dizer literária pela beleza e elegância do estilo. Foi saudado por Einstein “pela força especulativa de seu pensamento”. Sonhou com o Nobel, mas não levou. (Precisava?) Pior para o Nobel...

O que Elisabeth Roudinesco nos oferece nas 500 páginas em seu trabalho de historiografia científica não tem preço: o retrato de um homem e sua época mostrada em toda a sua complexidade, um judeu sem Deus que procurou compreender a humanidade; e também a história da psicanálise e do pensamento ocidental, sobretudo no século 20. O destino da família Freud e a vida do grande decifrador de sonhos e da Esfinge, a psique humana, tem algo das tragédias gregas que ele tanto admirou!

Comparadas a *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*, a maioria das biografias sobre o mestre da psicanálise parecem, agora, apenas notas de rodapé...

## LEMBRANDO UM AMOR

*Matusalém Dias de Moura*

Foi numa tarde amena, à beira-mar,  
quando o sol já abrandava seu calor  
e o vento não parava de soprar,  
que declarei a ti o meu amor.

Lembro-me, ainda, de teu manso olhar,  
de tua pele, com seu doce odor,  
e de teu riso que me fez sonhar  
em ser, um dia, o teu feliz senhor.

E, a namorar, saímos praia afora,  
fazendo planos e trocando juras;  
a desprezar o tempo e a não ver a hora.

Agradecidos a Deus, nas alturas,  
ali ficamos, me recorde agora,  
entre palavras, beijos e ternuras.



# ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESCRITORES - ANE

## Edital de Convocação

**F**icam os associados da ANE convocados para a Assembleia Geral Ordinária a realizar-se no dia 19 de abril de 2017, quarta-feira, às 19 horas, em primeira convocação, na sede da Entidade (SEPS 707/907, Bloco F, térreo), com a seguinte ordem do dia: 1) exame e votação do relatório e das contas da administração relativos ao biênio 2015/2017; 2) eleição da Diretoria e do Conselho Administrativo e Fiscal para o biênio 2017/2019; e 3) posse da Diretoria e do Conselho Administrativo e Fiscal. Está aberto, a partir da publicação deste Edital até o dia 19 de abril de 2017, o prazo para inscrição de chapas para concorrer à eleição prevista no item 2, só podendo votar e ser votados os sócios quites (art. 24 dos Estatutos).

Brasília, DF, 28 de março de 2017

Fabio de Sousa Coutinho  
Presidente

## LIMA BARRETO EM CENA

Valfredo Melo e Souza

**A**caba de amanhecer em mim a FLIP/2017, nossa ágora moderna. No praticável que completa este cenário teatral está a figura central do escritor LIMA BARRETO como o patrono da Festa Literária. Debruço-me sobre os devaneios do amanuense, homem apaixonado pelo conhecimento e pela liberdade. O literato embarca numa turnê de passagens relevantes de nossa literatura na Primeira República.

Uma diversificada obra a ser revelada: "Recordações do Escrivão Isaias Caminha", "O Homem que Sabia Javanês", "Triste fim de Policarpo Quaresma", "Cemitério dos Vivos", "Os Bruzundangas" e tantas outras. Afonso Henriques de LIMA BARRETO (1881-1922), jornalista, cronista, um dos poucos escritores brasileiros a se definir como negro, a si e à sua literatura, numa sociedade de visível preconceito racial.

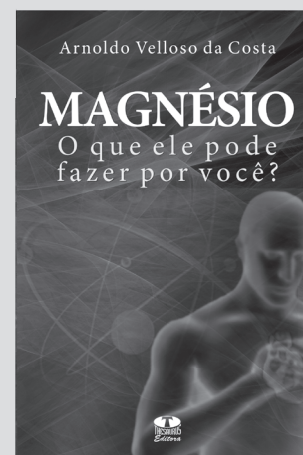
É o trabalho deste autor carioca que estará em discussão na 15ª **Festa Literária Internacional de Paraty** no próximo mês de junho. Que figura! O homem era baixo, magro, doente, mulato claro. Certa vez, o gerente de uma livraria no Centro do Rio de Janeiro pediu firme, mas delicadamente, que se retirasse, pois sua aparência e seu cheiro perturbavam os clientes. Nasceria no Rio de Janeiro em 1881, filho de um português e uma escrava. Abandonou o curso de Engenharia aos vinte anos para assumir o sustento e a chefia da família, pois seu pai enlouquecera. Arranjou emprego de amanuense no Ministério da Guerra e, embora o salário lhe desse certa estabilidade, passou a beber, dizendo-se vítima do preconceito racial, o que era verdade. É que, devido à sua educação e cultura, vivia entre brancos. Estreou na literatura em 1910 e fez relativo sucesso, mas não pessoal ("é triste não ser branco" – diário íntimo).

Com o álcool, vieram as crises de depressão que não o impediam de escrever cada vez mais e melhor. "Hoje não me sinto bem-disposto para escrever; e, desde que as ideias não me acodem em abarrotado nem a pena escorrega célere, não é bom forçar a natureza." Era odiado pelos esnobes por ser um anarquista e pelos militares porque, quando membro do júri, acusou um deles da morte de um estudante. Expulso, como alcoólatra, daquela livraria carioca, voltou para casa o grande escritor brasileiro. Na briga eterna de seu mundo, teve que "ferir" e ser "ferido", no tempo inflexível, tempo que, como o moço é irmão da Morte, foi matando as suas aspirações.

Lima Barreto morreu de infarto aos quarenta e um anos, em 1922, sob a égide da "loucura", do desalento, da desigualdade, da exclusão. Defendeu seu direito à cidadania plena, com a mesma coragem de Sócrates, o cidadão ateniense. Corria o ano do centenário da Independência do Brasil. Dia de Todos os Santos (1º nov). "O enterro partia, com pequeno cortejo, a caminho do São João Batista, onde queria sua cova, que foi toda sua vaidade." Nunca viveu em bairros aristocráticos; nunca foi recebido nos salões, mas quis dormir seu sono imortal no cemitério de tão lindos mármore, entre a fidalguia..." (Resende, Beatriz - "Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos", 2016).

No Brasil acontecia a famosa **Semana de Arte Moderna**; tudo rolando como cartas de tarô naquele "pote cheio de mágoas" (um qualificativo do escritor), um peito repleto de seriedade. "Que vida amarga... com quantos quilos de medo se faz uma tradição? Com quantas mortes no peito se faz a seriedade?" (Senhor Cidadão, Tom Zé, poeta cantador).

## VIVA MAIS E MELHOR



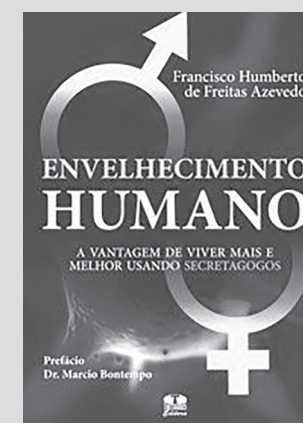
### MAGNÉSIO

O que ele pode fazer por você?  
Dr. Arnaldo Velloso da Costa  
R\$ 50,00 - 1ª edição, 312 páginas



### NUTROLOGIA

Essencial contra o CÂNCER, uma doença maldita  
Dr. Francisco Humberto de Freitas Azevedo  
R\$40,00 - 120 páginas



### ENVELHECIMENTO HUMANO

A vantagem de viver mais e melhor usando os Secretagogos  
Dr. Francisco Humberto de Freitas Azevedo  
R\$30,00 - 128 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

[WWW.THESAURUS.COM.BR](http://WWW.THESAURUS.COM.BR)

Frete grátis para todo o Brasil  
Ou ligue: (61) 3344-3738

# ASTA-ROSE JORDAN ALCAIDE

Ruy Valle

Faleceu em Brasília, no Hospital de Santa Maria, no dia 30 de novembro de 2016, Asta-Rose Jordan Alcaide, que passou a viver em Brasília desde 1975, como assessora da Embaixada dos Estados Unidos em nosso País. Nasceu em Joinville, Estado de Santa Catarina, em 1922. Estando em São Paulo em 1941, realizando curso de especialização em “ballet”, conheceu o grande tenor português Tomàs Alcaide, que fugira da guerra que assolava a Europa Ocidental. Com ele se casou, acompanhando-o a Buenos Aires onde ele participaria de temporadas líricas, retornando o casal a Portugal em 1943.

Em Portugal, o tenor Alcaide, que, na década de 1930, se apresentara com grande sucesso em teatros famosos como os de Paris, Roma, Viena, Milão, Praga, Londres e outros, sofreu uma operação de hérnia de hiato da qual não se recuperou completamente, tendo diminuído a sua voz, passando então a exercer suas atividades como programador da emissora radiofônica de Lisboa e encenador da Companhia Portuguesa de Óperas, e também como professor de música e canto, na cidade de Estremoz, onde após sua morte, em 1967, foi construída uma estátua em sua homenagem, sendo também batizada uma rua com o seu nome.

Falecendo o seu companheiro, Asta-Rose retorna ao Brasil, após ter vivido mais de 20 anos em Portugal, indo trabalhar como Secretária da Embaixada Americana no Rio de Janeiro. Em seguida, em 1975, transferiu-se para Brasília, onde fixou residência definitivamente.

Face aos seus grandes conhecimentos musicais, particularmente pela paixão por óperas, em pouco tempo já reunia uma plêiade de admiradores e amigos que possibilitou que ela viesse a ocupar lugar de liderança na organização de espetáculos de óperas e balés, razão pela qual deixou sua atuação profissional na Embaixada Americana e assumiu a direção artística do Teatro Nacional Cláudio Santoro. Logo começou a apresentar espetáculos operísticos com intérpretes nacionais, por não dispor de recursos que possibilitassem a presença entre nós de celebridades internacionais.

Várias óperas foram apresentadas anualmente em nossa cidade, como Don Giovanni de Mozart, La Boheme, Tosca e Madame Batterfly, de Giacomino Puccini, Carmen, de George Bizet, O Baile de Máscaras, La Traviata e o Rigoletto, de Giuseppe Verdi e, muitas vezes, Cavalleria Rusticana, de Pietro Mascagni e Pagliacci, de Ruggero Leoncavallo.

Contando com a participação daqueles que ansiavam por uma associação onde fossem apresentados espetáculos musicais de alto nível devidamente analisados, discutidos e criticados, Asta-Rose fundou a Associação Ópera Brasília e, para isso, contou, como novidade tecnológica de então, com as fitas de vídeo cassete, contendo espetáculos musicais gravados nos mais tradicionais teatros do mundo, reunindo público para vê-los e ouvi-los, como os cantores Luciano Pavarotti, Plácido Domingo, cantoras como Kiri Te Kanawa, Joan Sutherland, como também os maestros Herbert Von Karajan e James Levine.

Todos os espetáculos operísticos eram comentados e narrados por Asta - Rose que, tendo vivido na Europa vários anos com seu marido, difundia sua cultura por aqueles que, ávidos por satisfazer suas emoções, gostavam de ser transportados para o mundo superior de beleza: o da música.

Em 1984, promoveu, com a colaboração da Embaixada Americana em Brasília, a vinda à capital do País dos principais artistas-cantores que participaram, em 1937, da “première” da ópera Porgy and Bess, do americano George Gershwin, o qual faleceu prematuramente em 1937. A apresentação da ópera no Teatro Nacional Cláudio Santoro foi bem sucedida, a ela compareceu bom público, entre o qual se encontrava o Embaixador americano e o autor do libreto da ópera, Ira Gershwin, irmão do autor da música.

Aqueles que, em Brasília, gostam de música lírica, sabem da falta que Asta Rose nos fará. A última vez que estive com Asta-Rose foi em um cinema em Brasília, onde assistimos ao excelente filme inglês O QUARTETO, de Dustin Hoffman. Por concessão da Câmara Legislativa do Distrito Federal, Asta-Rose possuía o título de Cidadã Honorária de Brasília.

# RODOLFO COELHO CAVALCANTE, PROFISSÃO: FOLHETEIRO

Gilmar Duarte Rocha

Nos idos dos anos 1970, menino ainda, voltava sempre caminhando da escola por volta do meio dia, sob o sol inclemente do baixo sertão baiano, onde encontrar sombra era primazia e vento fresco uma dádiva dos céus. Cumprida o trajeto atravessando avenidas, mangues, aleias, becos e uma travessa, em especial, de nome Pedro Paulo Ferreira, onde havia uma casa singela, pintada em cal verde de tonalidade água-marinha, com amplas janelas que ficavam ostensivamente abertas.

Como as residências por aquelas bandas eram contíguas às ruas, quase sempre desprovidas de pavimentação e de passeio, o caminhante que tangenciava a fachada das moradias vislumbrava tudo o que acontecia no interior de cada habitação. A casa de parede de cor verde-marinho chamava a atenção pelo movimento instigante de pessoas de diversas idades carregando resma de papel, picotando recortes, rabiscando desenhos, manuseando pincéis e cinzéis, enrolando tranças de juta, pregando impressos numa espécie de varal como se fossem roupas. Na minha tenra idade, não me dava conta que ali se estabelecia uma gráfica artesanal, cujo objetivo era produzir folhetos de literatura de cordel, na sua maioria de autoria do próprio dono da casa, o poeta Rodolfo, o fabricante de catecismos, como o rotulavam na cidade de Jequié, Bahia.

Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em Rio Largo, Alagoas, em 12 de março de 1919. Deixou a casa dos pais ainda cedo, perambulando pelas estepes áridas dos estados do Nordeste, ganhando a vida como artista circense,

palhaço, propagandista, camelô, entre outras atividades. Em Parnaíba, Piauí, fixou residência e estabeleceu comércio de revenda de folhetos de cordel de autoria do poeta e editor João Martins de Ataíde, dando início ao mister de folheteiro (autor e/ou editor de folhetos de cordel), profissão inusitada da qual jamais se desvincularia.

Em 1945 fixou base em Salvador, Bahia, encabeçando um movimento em defesa da poesia de cordel como arte de valor incontestável. Com a experiência de ter participado de textos de reisados, cheganças e pastoris, publicou nessa época inúmeros folhetins, com destaque para a obra em louvor ao governador Otávio Mangabeira, que, comovido com a homenagem, acabou por liberar os poetas, cantadores e folheteiros da proibição de comercializarem os seus produtos em praças públicas.

Mais adiante, fundou os periódicos *A Voz do Trovador*, *O Trovador* e *Brasil Poético*, sendo um dos expoentes do I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, ocasião em que foi fundada a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros.

E não parou mais. Envolveu-se por osmose no jornalismo, colaborou em diversos periódicos, participou de movimentos de prosas e construiu em profusão aquilo que mais gostava de fazer, seus folhetos em forma de poesia bruta, verdadeiros diamantes do cancionário popular, representação pura e bela da alma do povo nordestino, embora esse formato de literatura provenha da Idade Média, mais precisamente dos trovadores da Ibéria, que transpunham as suas rimas

para folhas toscas de papel, depois as penduravam em barbantes – daí o dístico cordel – para secar a tinta e a xilogravura da capa, e depois a encadernavam sob a forma brochura e em seguida vendiam o produto artístico em toalhas espalhadas no chão ou em balaios em praças públicas, mercados e becos da velha Europa peninsular.

Através da Editora Luzeiro, Rodolfo legou-nos obras-primas como *A chegada de Lampião no céu*, *ABC dos namorados*, *Do amor, do beijo, da dança*, *História do Príncipe Formoso*, *O mundo vai se acabar*, *Quem ama mulher casada não tem a vida segura* e outros.

Os versos a seguir, um epitáfio rimado, simples como o luar do sertão, traduzem o pouco do talento do bardo nordestino:

*Quando este mundo eu deixar  
A ninguém direi adeus  
Dos poetas quero levar  
Suas prosas para Deus*

O nosso poeta das canções de aço, ferro, fogo, seca e esperança deixou-nos em 7 de outubro de 1986, vítima de atropelamento em frente a sua residência em Salvador, Bahia.

No entanto, ainda guardo na minha memória a figura daquele sertanejo de cabelos bem escovados, olhos rijos, semblante ocluso, completamente penetrado em dar cabo na sua lide de fazer arte sob a forma de folhetos. Para muitos um Dom Quixote; para mim, uma fonte eterna de inspiração.



# GRITOS NA ESCURIDÃO

Adércio Simões Franco

**G**ritos na *Escuridão* registra uma simbiose entre realidade e ficção, o que resulta em excelente romance, quer pela abordagem da realidade histórica, quer pela sua elaboração ficcional. Trata de um crime bárbaro, de uma brutalidade chocante, que abalou a sociedade, levando-a quase ao linchamento dos criminosos, não fosse o cuidado de os transferir para a prisão de Uberaba. A cidade do crime ganhou nome fictício, Volta Grande, bem como, naturalmente, os nomes de seus personagens.

O autor, Paulo Fernando Silveira, da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, de Uberaba, é escritor, advogado, professor universitário, juiz federal aposentado e vasto *curriculum-vitae* na área jurídica no Brasil e no exterior. Com esta experiência, na qualidade de escritor, caminhou da realidade à ficção, relatando com perspicácia o crime ocorrido.

Esta ficção nasce de uma realidade, conforme explica, pelo acesso que teve a jornais da época dos eventos e que se encontram no Arquivo Público de Uberaba, além de documentos que lhe foram confiados por amigo e colega de faculdade. Contou ainda com testemunhos de quem participou dos fatos ou deles teve conhecimento.

A geografia de Minas, São Paulo, Goiás, Distrito Federal, está presente em vasto espaço, com registros de acidentes geográficos, ruas e até bairros de cidades.

Enquanto isto, o autor vai situando os personagens e sua visão do mundo.

Adroaldo, apelido de Jacu, era fugitivo de Almenara, vivia em meio promíscuo, onde *as brigas irrompiam com bastante constância. Fazia parte do contexto social. Homem de fato, tinha de beber muito e bater em alguém para mostrar a sua superior masculinidade.* (p. 13)

*(Frutal) sofria a influência dos paulistas, tendo como referência a cidade de São José do Rio Preto.* (p. 167)

Nesta outra sequência, realidade e ação mostram a esperteza do personagem.

*Só para se certificar, Moreno indagou: – O Volks está aqui ou em Volta Grande? Eles já estavam adentrando em Uberaba.*

*–Eu o deixei aqui, na casa de um primo meu. Depois é que peguei o ônibus para Rio Preto para encontrar com você. (...) Depois que o comparsa partiu, no seu Opala, ele pegou um táxi e foi em direção ao bairro Santa Maria, não muito distante dali.*

*Naquela mesma noite, ele tomou o ônibus para Belo Horizonte. Chegando lá de manhãzinha, comprou passagem para Brasília. Para matar o tempo foi a um cinema situado na Praça Sete. Em Brasília, aproveita para ver a sua beleza arquitetônica, passeia no shopping. Depois ruma para Goiânia.* (p. 181)

O tempo literário se expande numa cristalização cronológica, enquanto vários eventos são repetidos em flashes.

A fala dos personagens identifica o estrato social a que pertencem ou a profissão que exercem, e ao se formar o tecido verbal a realidade se revela com bastante nitidez, fazendo com que a oralidade se identifique com o que se ouve no dia a dia.

*O que você está matutando?* – faz parte do diálogo dos peões enquanto levavam uma boiada. (p. 14)

*Os peões cantaram de galo. Traziam armas na cintura. Depois de uns goles, começaram a brigar com todo mundo. Diziam que eram machos e não levavam desaforo para casa.* (p. 138)

A fala da cafetina retoma, em flash, o modo de vida dos peões mencionado em capítulo anterior.

*Requeiro que ele seja conduzido preso para a cidade de Uberaba, ficando lá, trancafiado, à disposição da justiça* (p. 205). Assim se expressa o delegado de Volta Grande.

*Intime todos os familiares para depor* (p. 126) A fala do delegado-chefe Bonicelli vem quase sempre acentuada de objetividade.

Já o advogado sempre se embasa no Código de Processo Penal, citando-o *ipsis litteris*. (p. 204)

Carvalhinho, repórter do jornal *O Diário*, vê a tragédia como matéria de primeira!

*Acabei de ser informado pelo inspetor Vivaldo, que, lá (em Volta Grande) uma família inteira foi trucidada, (...) – É matéria de primeira! E, aqui, na nossa cidade, vou ter exclusividade!* (p. 81) Notar o uso da vírgula, interrompendo a fala, carregada do impacto da novidade.

O mesmo Carvalhinho, com o desenrolar do tempo, fica indignado com a frieza do facinora, a quem entrevistou. Bem diferente daquele que vibrou por uma notícia de primeira.

*Cara!!!... Carvalhinho vociferou, com enfática veemência, usando ironicamente, o mesmo vocativo, empregado pelo assassino. E prosseguiu no mesmo tom áspero: –Vou te dizer com franqueza! Em toda minha vida de repórter policial, nunca vi coisa igual da espécie! Sua ação, vergonha infame e desumana, não encontra nenhum precedente pior na história, nem do mesmo quilate de maldade.* (p. 256)

Uso pessoal, com valor de gíria, de palavras como *rapaz, cara*, por Balduino:

*Rapaz, eu não vou te telefonar mais não! Eu faço uma ligação e agora mesmo já tem polícia aqui no meu pé para me prender!* (p. 194)

*Cara! Se eu pudesse rebobinar a fita!* (p. 252) Registre-se ainda o uso de monólogo interior, quando Balduino conversa com seu próprio facão: *Aguarde aqui, que vou precisar de você mais tarde.* (p. 221)

Visualidade – as manchetes eram sempre anunciadas em letras garrafais:

MORENO CHEGA PRESO A UBERABA (p. 194)

VOLTA GRANDE ENTERRA OS SEUS DEZ MORTOS (p. 127)

O autor não narra apenas um crime. Comenta para reflexão de leitor, as falhas do nosso sistema, aspectos legais muitas vezes frouxos, resultando na infeliz expressão cunhada por D. João VI – é coisa para inglês ver – no tempo em que a Inglaterra era senhora do mundo e administrava, inclusive, a política e as finanças do Brasil.

Um condenado pode ser levado à prisão com penas que lhe são imputadas por 150, 200 ou mesmo 300 anos...

*No Brasil, o limite máximo da pena de prisão é de 30 anos, nos termos do artigo 75 do Código Penal, que reza: o tempo de cumprimento das penas privativas de liberdade não pode ser superior a 30 anos* (p. 264).

Esta pena vai-se abrandando com o tempo, considerando-se vários fatores, passando o condenado para regime semiaberto (em troca de trabalho de qualquer natureza) e deste para regime aberto (só dormir na prisão), além de outras benesses.

Roberval e Balduino, como também Moreno, fugiram da prisão e nunca mais foram capturados, ha-

vendo, por isso, prescrição de pena por seus crimes. Leon cumpriu pena de 16 anos, beneficiado pelos vários regimes de progressão.

E tudo isso acontece, depois de competente trabalho de investigação e captura, envolvendo um delegado-chefe, vindo de Belo Horizonte para esta função, e seus colaboradores, recheado de enganos e de acertos, onde não faltou até o lado cômico, ao se prender um dos assassinos enquanto tomava banho, hospedado numa pensão, quando se preparava para nova fuga...

*A memória não é uma ressurreição do passado, ela sempre inova, transfigura o passado.*

Berdiaeff, *apud* Castagnino – *Tiempo y expresión literaria*.

*O autor expôs fatos e leis. Ao leitor, que não se contentar apenas com uma leitura linear, abre-se o leque para a sua reflexão...*

(Paulo Fernando Silveira. *Gritos na escuridão*. Curitiba. Juruá, 2013.)

## POEMAS DE NOÉLIA RIBEIRO

### SOBRE OS OMBROS

Quando meus ombros  
doem do peso de existir  
não consigo erguer os  
olhos para contar estrelas.  
Contento-me com as que  
caem à minha frente  
como sonhos banidos  
do firmamento.  
Minha casa não tem janelas  
em dias cinzentos.

### TIM-TIM

O acaso interrompeu  
a linha reta da vida  
para um brinde  
de copos e corpos  
distraindo  
e apresentou-nos  
a curva fascinante  
do desconhecido.

### O SABOR DA FRUTA

Deslizei  
teu nome no papel  
com suave pena  
para não despertar  
a suprema razão,  
que cochilava  
à sombra  
da macieira plena  
da fruta da paixão.

# CARTA CENTENÁRIA

Flávio R. Kothe

O desembargador aposentado Antenor Schwartzberg, casado com minha prima Elsa, presidia a comissão que fazia a reforma da imensa catedral de nossa cidade. Era uma construção centenária, que os cupins ateus estavam demolindo sorrateiramente, de cima para baixo, como se fossem filósofos. Antenor não era político profissional e, por isso, começou a reforma onde ninguém via: trocando o madeirame que sustentava o telhado. Depois mandou refazer os encanamentos do subsolo. Assim haviam se passado cinco anos de trabalhos miúdos, em que o problema-mor era encontrar donativos para os gastos. Como era uma igreja construída por uma imigração alemã no sul do país, não era considerada digna de memória no patrimônio nacional e, menos ainda, a Alemanha estava interessada em preservar um prédio em território alheio, embora o arquiteto tivesse sido alemão e esta fosse a sua obra-prima.

Antenor me telefonou, certamente por sugestão da minha prima, para me dizer:

– Conforme tu deves ter lido no jornal, abrimos a “caixa-preta” feita na inauguração da catedral, naquela época uma igreja, há quase cem anos. Dentro de três dias, vamos fechar novamente, recolocando os textos antigos e aditando alguns: jornais desta semana, uma carta minha, um memorial sobre a reforma. Tu poderias colocar um texto teu lá dentro também, esse é um convite especial.

Eu agradeci e disse que iria ver o que poderia fazer. Eu havia entendido mal o que ele dissera: entendi que eu deveria colocar algo meu já publicado. Na minha vaidade, não achei que uma página bastasse. Eu não morava na cidade, estava de passagem, hospedado em casa de minha mãe. Achei que a solução seria fácil, pois havia deixado alguns livros com ela. Pensava que se preocuparia em preservar minhas preciosidades. Afinal, mãe é mãe, sempre dá a mão. Tinha ela, porém, mais senso crítico que eu, as traças e os cupins. Havia recebido a visita de um casal de pastores luteranos, vindos da Alemanha e com doutorado em teologia, a esposa era filha de uma vizinha: haviam se interessado até por minhas traduções de Nietzsche.

Eu havia pensado, porém, numa novela alegórica que havia publicado na editora da universidade local. Como ninguém havia se interessado por ela, eu fingira para mim que seria entendida dentro de um século (eu não chegava aos três de Nietzsche, pois nem me via como um terço dele). A editora estava fechada, pelo recesso de fim de semana, seus livros seriam entregues a uma nova distribuidora e, com isso, a livraria estava fechada, para levantamento do estoque. Perguntei à minha irmã, se ela ainda tinha um livro meu, mas a resposta foi que havia dado adiante, para uma sobrinha.

Todos tinham se livrado de mim, até eu mesmo. Fiquei me perguntando se haveria aí mesmo alguma coisa que pudesse ser lida em cem anos. Eu era tão bobo que achava que devia ser um livro publicado comercialmente. Não me ocorreu

pensar em escrever uma simples página, com uma mensagem para as pessoas da minha cidade natal dentro de cem anos. Finalmente quando, ao terceiro dia, a ideia ressuscitou dos subterrâneos, escrevi às pressas um esboço:

*“Se isso estiver sendo lido num presente vindouro, será a presença de um passado, que nunca mais poderá se fazer plenamente presente. Sou o pretérito de um futuro que não posso saber qual será para lhe dizer a palavra adequada. Depositado numa tumba recoberta por pedra, se ele aparecer em cem anos talvez seja para alguns como a ressurreição de um Cristo, mas não adivinho em mim algo divino a ser preservado. Sou já a múmia de mim mesmo.*

*Não confio no futuro como promessa de redenção. O pretérito é uma extensa continuidade do injusto; o presente, a morte da esperança. Só quem tinha um império a apoiá-lo poderia afirmar que erigiu, com palavras, um monumento mais perene que o bronze. A Igreja sucedeu a esse império e pode preservar palavras de quem se dedicou a preservar seu grandioso monumento. O trabalho do meu tio arquiteto está nas torres desta catedral, como está nos colégios das franciscanas e dos maristas ao lado sul e norte. Essas ordens já passaram, os prédios ficaram, espero que sejam preservados. Nem sempre o melhor é preservado, nem sempre se preserva pelas melhores razões.*

*Nossa região foi o centro da colonização alemã de 1849. Durante um século, gerações aqui se sucederam para, trabalhando na terra, poderem sobreviver. Nossa língua e*

*nossa cultura foram perseguidas, proibidas, extintas. Eu sou parte da geração que fez o trânsito para a língua portuguesa e para as profissões da vida urbana. Não foi escolha, foi imposição, seguindo o destino de nossos antepassados, que saíram de regiões assaltadas por guerras entre povos e lutas por fronteiras.*

*Os colonos alemães procuraram preservar e desenvolver a educação, as artes, a tecnologia. Somos uma contribuição positiva para este país, mesmo que isso não seja reconhecido. Se temos um diferencial, ele se deve à identidade que nossos antepassados trouxeram. Seus valores fundamentais eram simples: o trabalho dignifica o homem; a fraternidade na mata virgem obriga luteranos e católicos a conviverem; a igualdade determina colônias de tamanho igual, tanta terra para cada um quanto para os demais; a liberdade, a proibir já em 1849 o trabalho escravo e gerar um espírito de tolerância. Sem liberdade não há verdade; sem verdade, não democracia.”*

Mal havia eu alinhavado esse esboço, para depois escrever um texto melhor, quando me lembrei de ligar para o desembargador. Para minha surpresa, ele disse que a lápide já havia sido fechada, nada mais poderia ser colocado na tumba. Frustrado, julguei justo o azar: nem eu merecia a honra de escrever para dentro de cem anos nem poderia, como ateu praticante, usar uma igreja para preservar um texto. Não deixei de ficar triste, como se tivesse traído o futuro e a mim mesmo. Poderia ter estendido a óssea mão a segurar um lápis, feito esboço de mim, mas tive de me conformar com a morte da alma.

## DO QUE É FEITO O POETA

Olga Savary

É sempre uma alegria receber um bom livro de poesia ou de ensaios poéticos. De Anderson Braga Horta tive a honra de receber todos os livros que ele escreveu: os de sua excepcional poesia e seus livros de crítica e ensaio. Também fui agraciada com os livros do pai poeta e mãe também poeta, um clã importante da poesia mineira e brasileira.

Recebo agora, editado pela mais ativa editora de Brasília, a Thesaurus, do editor Victor Alegria, o belo livro ensaístico *Do que é feito o Poeta*, em 2016, de autoria do poeta, crítico, ensaísta e ficcionista Anderson Braga Horta. É um alentado volume de mais de 400 páginas. Anderson escreve como ninguém: com saber e

inteligência, com objetividade e ao mesmo tempo com magia, com ternura (artigo meio raro hoje em dia) e respeito pelos amigos e pares de Brasília, aqueles que lhe são próximos, os do dia-a-dia, do convívio diário no Distrito Federal, onde vive, ou também os que já se foram, sempre com seu espírito de poesia e lucidez.

Assim, ler a poesia ou o ensaio literário de Anderson Braga Horta é garantia certa de nos alimentarmos de humanidade – artigo também raro, hoje, infelizmente –, além da grata certeza do encontro escrito com a maioria dos amigos poetas, ficcionistas, professores, críticos e os demais, trazidos para o nosso lado por quem sabe amar e respeitar o semelhante, no caso seus pares.



# DIA DA MULHER

Hilda Mendonça

Quase meia-noite, Maria Rita cozinha seu feijão, lava pratos, marmitas, faz o arroz, a abóbora, a carne seca. Prepara marmitas.

Duas horas da manhã, Maria Rita faz sua oração. Duas e trinta, Maria Rita vai dormir. Sono bom, benfazejo.

Cinco horas da manhã; Maria Rita se levanta, prepara o café, o desjejum, as marmitas para os que se levantam daqui a pouco tomem o café, comam bolo de fubá feito por Maria Rita e vão pro roçado do patrão.

Seis horas da manhã; Maria Rita faz oração. O dia começa.

Sol desponta atrás da serra. Maria Rita limpa a casinha humilde e vai carpir a horta, cuidar das galinhas, dos porquinhos de engorda, lavar roupas, buscar lenha no mato.

Chega a tarde, Maria Rita prepara as trocas de roupas, faz comida para os que voltam. Às seis

horas, Maria Rita serve a janta, lava louça, limpa cozinha, arruma camas.

Quase meia-noite.

Maria Rita cozinha seu feijão, faz o arroz, a abóbora, a carne-seca e tudo se repete.

Duas horas vai se deitar mas a dor lhe impede o sono, dor doída, dor nos “quartos”.

Nada de dormir, cinco horas faz tudo se arrastando. Marido se assustou, nunca a vira se queixar de nada. Não vai trabalhar. Põe o burro na carroça, leva Maria Rita pro médico do Posto de Saúde dar um jeito.

Dor doendo mais com o sacolejo da carroça na estrada buraquenta. Enfim, o Posto de Saúde, a fila enorme, o proserio do povo que espera e a dor aumentando. Maria Rita ali é só mais uma.

Duas horas depois é chamada para fazer a ficha.

A moça com ar de fastio pergunta:

– Nome da senhora? – Maria Rita.

– De quê? – Do Coração de Jesus. – Qual a sua idade? – Ando pelos quarenta.

– Qual a profissão da senhora??... – Sua profissão? – A senhora tem algum emprego?

– Não, senhora.

– Ah, não trabalha.

E vem mais espera, por fim o médico:

– O que a senhora está sentindo?

– Dor nos quartos, doutor. Aqui, oh!

– Ah, na coluna, é a idade. (Ela parece bem mais velha do que é), a senhora está um pouco acima do peso, pegue aquela fila ali, vão lhe aplicar uma injeção para a dor, mas a senhora precisa se movimentar mais, diminuir o peso.

Maria Rita olha a fila, pensa na injeção, na idade, no peso, sai.

Lá fora o marido a espera. Pensa que a mulher foi medicada. Novo sacolejar da carroça, dor, dor e Maria Rita chega em casa, vai para horta buscar plantas para fazer um chá. Amanhã vai procurar uma benzedeira para costurar o “jeito dos quartos”.

## VIVENTES DO SERTÃO

Enéas Athanázio

Leio e ouço com frequência que o regionalismo literário está morto e sepultado. Os fatos, no entanto, parecem desmentir tal afirmação. Aqui em Santa Catarina, onde a corrente regionalista é forte, apesar dos hiatos, surge um Mario Tessari tecendo contos com o cheiro da terra e inspirados em experiências próprias. Depois de Tito Carvalho, Guido Wilmar Sassi, Edson Ubaldo, Fernando Tokarski, Márcio Camargo Costa e eu, vem ele dar continuidade à escola que, a rigor, nunca morreu.

Também em outras regiões do país isso vem acontecendo. Agora mesmo acabo de ler com intenso prazer o livro “Do Sertão”, de autoria de Napoleão Valadares, coletânea de contos ambientados no sertão mineiro (André Quicé – Brasília – 2016). É obra de um autor experiente e que revela dominar a arte e a técnica da *short story*.

Valadares escreve em linguagem clássica e correta, usando os termos e expressões regionais com moderação, mas sempre no local e momento apropriados. Como diria o crítico Lauro Junkes, é um regionalista mais de fundo que de forma. O conjunto é harmônico e autêntico, evidenciando um conhecedor da região, observador atento de seus usos e costumes e do *modus vivendi* daquele povo. Os contos são, em geral, leves, permeados de humor, e são raras as tragédias que, quando ocorrem, surgem apenas debuxadas, indicando que as cenas cruentas não são do gosto do autor.

Alguns contos chegam a provocar gargalhadas ao retratarem o espírito brincalhão e a malandragem do caboclo. Exemplo bem típico é o do anspeçada Antônio Domingues entregue à caça do facinoroso Antônio Dó. Em sua diligência, vai aportar na casa de um “coronel”, tendo este afirmado que o procurado lá não se encontrava. Desconfiado, o anspeçada vareja a casa e se depara com Antônio Dó enfileirado com seus jagunços de armas na mão. Retornando da busca, confessa ao dono da casa: “Não está mesmo não!” Antes renegar a verdade que enfrentar uma luta feroz! Caso exemplar também é o de Zé, encarregado de comprar um botijão de gás em uma barraquinha. Mas não havia o produto e teve que ir a outra vila. O comerciante pede-lhe que traga dois botijões, colocando os vazios na velha camioneta. Por mal da sorte, Zé encontra o Chico e o convida para acompanhá-lo. No caminho, de boteco em boteco, de trago em trago, visitando as zonas boêmias, a viagem foi se alongando como uma volta ao mundo. Trilharam caminhos fora do trajeto, “mas quem está bebendo encontra motivo para certas erradas...” E o resultado: “Chegaram depois de seis dias, com os botijões vazios na carroceria da camioneta velha.”

As expressões regionais são deliciosas. Mostram como o caboclo é conservador e criativo ao mesmo tempo; emprega palavras em desuso e inventa outras tantas quando necessário. O contista também é hábil na criação de fórmulas curiosas. Eis aqui alguns exemplos: alguma coisa faltando, tem calibre pra esse serviço, também estava trolado, cavalo de passo acertado, vivia pegando bravesas, amasio coletivo, chamou o genro na regulamentação, tinham enguiço na alma, com a consciência encrencada, na fila de votação toda siligristida, essa trenheira, soltou a mão na chocolateira do Alves, mulher separadeira, doadura com lampejos de lucidez etc. Também os nomes dos personagens e das figuras são os mais estranhos, vários deles revelando as características da pessoa: Retilíneo, Rodolfo Adjuto, Damaso Sisudo, Zé Mestrança, João Lambu, Lelão.

O livro de Napoleão Valadares é um retrato fiel da vida nos ínvios mineiros e permite ao leitor a convivência íntima com os viventes do sertão.

### SERTÃO DE ROSA

Napoleão Valadares

Nonada. A enormidade do sertão  
não é no imo do peito que se sente,  
não é nos campos do Tamanduá-tão,  
não é em tudo o que se vê na frente

dessas veredas que trilhamos, não  
é no meu Urucua, no valente  
jagunço dos gerais, na inclinação  
para rasgar o mundo, dessa gente.

Não é na dor, no pranto nem no riso.  
Não é nos verdes vales nem no Liso  
do Sussuarão. Não é naquele dia

nefasto, em que se deu a tempestade  
do Paredão, fatal. A enormidade  
do sertão é a vida. Travessia.



# TRÊS PERDIDOS EM UMA NOITE FRIA

*Edmílson Caminha*

**M**ais ligeiro do que Ana Clara, um colombiano, que dissera viver no Acre, volta do toalete para o assento vizinho aos nossos, a reclamar do mau cheiro: “¡Esta gente hede. No se puede usar los baños, están irrespirables!” Como se não fosse, ele próprio, um migrante, um estrangeiro, como qualquer ser humano que põe os pés fora do seu país, que cruza as fronteiras geográficas em que arbitrariamente se dividem os homens mais do que o mundo. É a reação comum a todos que nos sentimos ameaçados, que supomos em risco o patrimônio, o bem-estar, os privilégios a que cremos fazer jus, sensíveis à humilhação dos pobres e ao clamor dos deserdados, desde que com eles não tenhamos de repartir nada do muito que nos sobra.

Assim foi comigo, também: reagi preconceitosamente, satisfeito, no íntimo, com o sueco que me garantira a segurança, o conforto da viagem. Arrependo-me de não ter ido aos três para lhes dar o mínimo de atenção, de solidariedade,

talvez algumas coroas com que matariam a fome na solidão da noite. Em meu inglês precário, perguntaria como se chamavam: Youssef? Mohamed? Tariq? Que histórias têm para contar? Nasceram na Líbia, no Afeganistão, na Síria? Como sobreviveram até ali? Aonde querem chegar?

“Podem ser terroristas, agentes do Estado Islâmico treinados para explodir a Torre Eiffel, dinamitar o Kremlin, pôr no chão o Domo de Florença”, haverá quem diga. Ingênuo por natureza, prefiro acreditar que são apenas homens, a fugir do destino que os revolta, a correr mares e terras em busca da felicidade, do chão em que lhes seja permitido realizar o mais simples e o maior dos sonhos, viver e trabalhar em paz.

Egoístas que somos, indiferentes ao próximo, viajamos pela Suécia, fomos à Noruega e de novo à Dinamarca, de onde voltamos para o Brasil. Tudo em ordem, como se não houvéssemos presenciado aquele drama, a vida fosse bela e o mundo bom. É provável que nunca mais nos veja-

mos, que eu viva mais do que os três, condenados a esconder-se pelos trens, a saltar de estação em estação, até que, mortos, não lhes fique sequer o nome, mas um número, na contabilidade fria dos que somem como se jamais houvessem nascido. Oxalá sobrevivam contra toda a esperança, para, como quem escapou do pesadelo de Auschwitz, dar testemunho de que milagres acontecem.

O certo é que não me esquecerei jamais daqueles três fugitivos, dos poucos segundos em que nossos caminhos se cruzaram e lhes vi os olhos de medo, de impotência, de desamparo, quanto ao futuro que, para desgraçados como eles, tem a duração de 24 horas, nas quais lutarão desesperadamente apenas para se manter vivos, sem que saibam por quê, para quê. Haja o que houver, nenhum se lembrará de mim, talvez nem me tenham visto. Pouco importa. O olhar deles me acompanhará para sempre, como lembrança mas, sobretudo, como remorso, no trem da vida em que, afinal, somos todos clandestinos.

# LITERATURA BRASILEIRA: JOIO E TRIGO

*Ricardo Soares*

**D**urante oito anos e oito temporadas escrevi, dirigi e apresentei os programas “Literatura” e “Mundo da Literatura” originalmente produzidos para a então rede Sesc/Senac de Televisão e veiculados por outras emissoras educativas em canais abertos e fechados Brasil afora. O programa me deu a rara chance de mapear a produção literária nacional conversando com quase todos os autores nacionais consagrados, os então emergentes e os injustiçados.

Procurei pautar a busca pelos autores pelo critério vago e subjetivo do que considerava boa literatura e não pelo mercado. Isso não quer dizer que não levei ao programa autores do mercado mas não deixei que critérios puramente comerciais pautassem a linha do programa, que contava, aliás, com uma equipe eficiente a quem sou grato até hoje.

E por que faço um balanço tardio de um programa que teve sua derradeira temporada em 2005? Justamente por constatar o quão dinâmico é o tal mercado e quanto ele nos joga goela abaixo tanta “novidade” literária que não é novidade alguma. Se me ressinto da ausência dos programas que fazia a essa altura não é por vaidade e sim porque fiquei distante justamente desse movimento editorial que lança joio e lança trigo com uma velocidade insana que mal dá tempo para a assimilação, digamos, dos “novos valores”. Assim sendo nada sei sobre autores – como Julian Fuks e Noemi Jaffe – que surgiram após o fim do programa. Por isso toda vez que não quero dar bola fora a respeito peço consultoria a gente mais antenada com as novas frequências como a prezada Mirna Queiroz, da revista Pessoa.

Diante desse panorama visto da ponte muita coisa pode então ter me passado despercebida e posso ter cometido erros em meu juízo de valor sobre a recente produção literária nacional. Mas algumas de minhas impressões – hoje de um observador mais desatento se comparado com o profissional que fazia os programas de literatura – são corroboradas por outros autores mais atentos do que eu ao atual panorama. Dia desses, por exemplo, encontrei com o escritor Ronaldo Cagiano em uma livraria em São Paulo e ele concorda comigo que continua a vigorar a lei do mercado nas relações entre autor-editora-mídia e que muito joio é vendido como trigo num universo onde a pretensão dá o tom. Ou seja, não estou sozinho em minhas “incautas” e atuais percepções. Outros autores como Ademir

Assunção, Márcia Denser, Roniwalter Jatobá, Nelson de Oliveira e André Sant’Anna pensam parecido embora eu não tenha procuração para falar em nome deles.

Volto a esse tema especialmente por suas questões que me causam grande perplexidade: quem lê tanta “novidade” em país de baixas tiragens? O que de fato tem relevância, já que na minha modestíssima opinião muito do que de melhor foi e é produzido anda não só fora do catálogo como não tem a devida divulgação. Cito nomes a esmo que vão dos esquecidos e talentosos Ricardo Guilherme Dicke, Campos de Carvalho a Samuel Rawet, passando por Vicente Cecim, os próprios já citados Roniwalter, Ademir Assunção e Márcia Denser, a Oswaldo França Jr., Roberto Drummond, Julio César Monteiro Martins, Joaquim Nogueira, Marco Antonio Lacerda e muitos mais. Repito que lancei nomes a esmo e me desculpo por omissões porque a lista, infelizmente, é grande e como lembrou Cagiano em nosso encontro boa parte dos autores aqui citados sequer foi lida ou assimilada pelos que agora são vendidos como “novidades”.

Criticar as “novidades” não é um gesto rancoroso, pois são elas, afinal, que dão alento ao mercado, que precisa ter o que vender. O que me incomoda é que a “novidade pela novidade” seja um critério de excelência quando na verdade é apenas um critério de precedência. Sobretudo porque na maioria das vezes vende-se o tal joio como fino trigo. O pior é não sobrar espaço algum para a reflexão, a leitura atenta e digestão de tantas publicações para tão poucos leitores.

O resultado disso tudo no entanto parece não incomodar grande parte desses “novos” autores que (ao contrário de veteranos escaldados) ostentam seus galardões de “escritores” sem o menor constrangimento e sem ler, sem sequer reconhecer que não inventaram a roda agora e que não deveriam vender como novidade o que é apenas reciclagem. A literatura brasileira contemporânea, por sorte, não começou com eles como querem fazer supor.

Espero que em algum momento exista pois a tal reflexão sobre que tipo de ficção o Brasil está produzindo, porque, a esta altura-gostaria de estar equivocado – parece que o que anda sendo publicado é bem pior do que o período entre 1998 e 2005, quando eu fazia programas de literatura para a televisão.

# GUERRAS GUARANÍTICAS

Ariovaldo Pereira de Souza

**A**os que apreciam poesia, a Poesia; aos que pesquisam história, a História.

Eis aqui um pouco da história do Sul, sob o enfoque de Guerras Indígenas. Guerra Guaranítica (1750-1756) é o nome que se dá aos violentos conflitos que envolvem os índios guaranis e as tropas espanholas e portuguesas no sul do Brasil, após a assinatura do Tratado de Madri, no dia 13 de janeiro de 1750. Os índios guaranis da região dos Sete Povos das Missões recusam-se a deixar suas terras no território do Rio Grande do Sul e a se transferir para outro lado do rio Uruguai, conforme ficara acertado no acordo de limites entre Portugal e Espanha. Em decorrência do referido Tratado, o Império Português passou a exercer soberania também sobre os territórios de missões jesuíticas situados a leste do Rio Uruguai. Ocorre que o Império Português permitia a escravidão dos indígenas, que naquela região eram os guaranis, enquanto que, no Império Espanhol, todos os índios eram automaticamente súditos do Rei da Espanha, e, portanto, não podiam ser escravizados. As missões jesuíticas (também conhecidas como reduções) daquela região eram modelos de sociedades autogestionadas, uma espécie ao que hoje procura o socialismo cristão. Com o apoio parcial dos jesuítas, no

início de 1753 os índios guaranis missionários começam a impedir os trabalhos de demarcação da fronteira e anunciam a decisão de não sair da região dos Sete Povos. Em resposta, as autoridades enviam tropas contra os nativos, e a guerra eclode em 1754. Os castelhanos, vindos de Buenos Aires e Montevideu, atacam pelo sul, e os portugueses, enviados do Rio de Janeiro sob o comando do Governador, o general Gomes Freire de Andrade Bobadela, entram pelo rio Jacuí. Juntando depois as tropas da fronteira com o Uruguai, os dois exércitos sobem e atacam frontalmente os batalhões indígenas, dominando Sete Povos em maio de 1756. Chega ao fim a resistência guarani. Um dos principais líderes guaranis é o capitão Sepé Tiaraju. Ele justifica a resistência ao tratado em nome de direito legítimo dos índios em permanecer nas suas terras; comanda milhares de nativos até ser assassinado na Batalha de Caiboaté Grande, interior do município de São Gabriel. Hoje nessa localidade há um monumento em homenagem às vidas perdidas nessa batalha, há também uma cruz de 5 metros de altura em alvenaria que substituiu uma cruz de toras de madeira cravada no local por padres jesuítas logo após a batalha. Do ponto de vista militar, tratou-se mais de um massacre que de uma batalha propriamente dita.

## MATOU A FAMÍLIA E FOI AO CINEMA

### OS FIOS DAS TRAGÉDIAS

Guido Bilharinho

**O**s ficcionistas de modo geral, quando verdadeiramente artistas, mais do que representar ou recriar a vida, a criam em sua obra, aduzindo, como disse o poeta (Aricy Curvello, em "Às Vezes"), mais vida às existentes, engendrando novas realidades que se somam e expandem as realidades existentes.

É o caso do filme *Matou a Família e Foi ao Cinema* (1969), de Júlio Bressane.

Nele desfila série de dramas familiares desaguados em tragédias.

A partir do drama dantesco de o filho assassinar friamente e a navalhadas seus pais e, após, ir tranquilamente ao cinema, Bressane articula diversas ocorrências semelhantes, sempre nos limites da organização familiar e sempre, também, em cima da insatisfação ou da condição amorosa e sexual.

A princípio poder-se-ia tentar ver nessa opção ficcional inspiração e influência das obras de Nelson Rodrigues que perfilham semelhantes preocupações.

Nada mais diferente, porém.

A começar que a dramaticidade bressaniana é altamente elaborada, tanto do ponto de vista concepcional quanto expressional, conforme binômio propugnado por Hegel.

Ao contrário, pois, da obra de Nelson Rodrigues, confrangida quase sempre em estreitos limites conceituais, a de Bressane finca suas raízes nos arquétipos universais mais autorizados da criação artística – não de simples recriação, como dito – fundamentada na estrutura psicossomática mais profunda, geral e permanente do ser humano.

E o faz mediante construção estética na qual a narrativa apresenta alto grau de sutileza,

refratária à apelação usual no tratamento dessa temática.

Se os protagonistas das histórias que cria perdem-se em atos violentos contra seus entes próximos ou contra si próprios, a motivação que os leva a essas atitudes drásticas – inimagináveis num contexto familiar – e a criação cinematográfica dos fatos não descambam para descontrole emocional patológico, mantendo domínio de seus elementos deflagradores tanto quanto das circunstâncias em que se desenrolam e das modalidades que assumem.

Há um fio condutor comum a todas essas ocorrências, seja a insatisfação sexual e convival da personagem casada que se isola com a amiga em sua propriedade de recreio e lazer; seja a procura de satisfazimento sexual emocional da jovem com sua amiga; ou, ainda, o ambiente sufocante do lar do assassino dos pais e a constante irritabilidade de seu pai; ou, finalmente, o paroxismo revoltoso do marido relapso face às investidas agressivas da esposa.

Essa constante detectada em todos os episódios apresenta, no entanto, características próprias em cada caso, não obstante seu extravasamento paroxístico e violento, condição ou peculiaridade da espécie humana quando submetida a graus diversos de pressão e contrariedades viscerais, nos limites e circunstâncias da formação e estrutura pessoal das personagens, como, aliás, nem poderia deixar de ser, já que todo ser humano constitui pequeno mundo que se articula, nos relacionamentos e convivências, com outros micromundos semelhantes.

Ressalta-se no filme, além disso, a economia da construção ficcional, sintetizando em poucas cenas a ambiência comportamental, conviven-

cial e conflitiva das personagens, perfeitamente contextualizada.

Por fim, o jovem que assassina seus pais vai ao cinema assistir a *Perdidos de Amor* (1953), dirigido por Eurídes Ramos, com argumento de J.B. Tanko, película que possivelmente indica (a conferir) a chave ficcional (ou uma delas) do filme ora comentado.

(do livro *Seis Cineastas Brasileiros*)

#### HAICAIS

##### *Humberto Del Maestro*

Apenas o poeta  
consegue gravar, no todo,  
o instante que passa.

É noite de lua –  
Vou tropeçando em pepitas  
de prata, na rua.

Céu em labaredas  
acende a manhã que nasce –  
Incêndio de vida.

Verão rigoroso –  
Parece um tapete persa  
o pasto amarelo.

Vou fazer dos trapos,  
que restaram dos meus sonhos,  
meus melhores trajes.



# A VINGANÇA DA PORTA

J. Peixoto Jr.

**D**a sala da frente, ordinariamente chamada varanda, corredor comprido levava à sala de refeições. A passagem da sala de jantar para a cozinha dava-se por porta partida ao meio, horizontalmente. Porta sacolejante nos gonzos enferrujados, corroídos pelo tempo; porta escurecida pela fuligem do fogo de lenha das trempes de pedra, com picos de pucumã alojados no enfeixamento das tábuas, tudo acumulado em muitos anos de abrir e fechar. Portas desse feitio, comum nas residências sertanejas de antanho, transformavam-se em janela, aberta a metade de cima, tornando-se, quando portas externas, apropriadas ao apoio de uma boca de rifle para um tiro de ponto. Trancavam-na, da sala, trame-las, tramela-ferrolho na parte superior, tramela circular na parte inferior.

Venâncio, rapaz velho, morava sozinho. Não se tinha notícia de haver-se interessado por alguma donzela; e bem que elas procuraram se mostrar, diziam. Tivera haveres, dissipara em farras da orelha da sota e nos negócios mal sucedidos. O pouco restante mantinha com certa mesquinhez. Tinham-no por morto a fome. A chave do quarto de mantimentos trazia-a no cós presa por correia de couro curtido a servir de porta-chaves. Uma viúva idosa a quem tratava com deferência e pagava os seus serviços com quebra-jejuns e outros nada fazia-lhe a limpeza semanal da casa.

A tempestade parece afrontar os poderes de Santa Bárbara e São Jerônimo, protetores de todos nós quando a Natureza mostra-se irada. O vento, vento leste, em sopros violentos, empurra a chuva caída telhado acima provocando vazamentos no encontro das telhas. O teto do velho casarão dê por visto um chuveiro aberto. Folhas acumuladas na cobertura da cozinha represam a água nas calhas derramando-a casa adentro.

Venâncio não se recorda de noite tão tempestuosa. Como fazia em ocasiões semelhantes, enrolado no lençol desce da rede, onde se deitara para dormir, pega o pavio recoberto com cera de abelha, aceso à noite por temor do escuro, e sai a percorrer os cômodos para desviar os guardados das goteiras. Fixa o morrão no canto da mesa da sala e entra na cozinha. Puxa atrás de si a porta de baixo e aciona a tramela circular que se encaixa na abertura do portal, assegurando não abri-la o vento, prevenindo contra a invasão de sapos sempre esparramados nos pés de potes.

Acende o candeeiro acomodado no caritô com palito da caixa-de-fósforos ali deixada. Corre a vista no ambiente: painéis emborcadas, faca em cima do fogão, o cotidiano. Arruma alguma coisa considerada fora de lugar. Calculadamente, pisa em dois dedos ou mais da água que inunda o piso. Arrepênde-se de ter cedido ao impulso vindo meter os pés naquela frieza. Ah, os gorgomilos! (apalpa a goela.) Constipação! Arrepia-se. O povo diz que quando o corpo se arrepiá é a Morte por perto. Impotente diante das circunstâncias, nada pode fazer para esgotar o alagamento, Venâncio sopra o lume do fífó há pouco acendido pensando retornar à rede. No bruxuleio da chama do candeeiro a apagar-se teve a nítida impressão de vislumbrar uma cobra n'água em seu rumo. Assusta-se! Ele que tem medo de cobra que se pela, daí só se apartar do breve feito com sublimado corrosivo, que espanta cobras, ao se deitar para dormir, o que havia acontecido. Mais que depressa cavilha a caixa-de-fósforos retornada ao caritô, porém o açodamento em pegá-la derruba-a n'água. Aflito, vira-se no escuro para entrar na sala. Bate com a cara na

parte de cima da porta. O vento a fechara. Ao fechar-se, a tramela-ferrolho, lisinha pelo uso, deslocara-se penetrando na fenda do caixilho. Trancava-se.

Relâmpagos, trovões (o trovão parecia estalar em cima da casa); vento, muito vento encanado pelo corredor da varanda para a cozinha; aguaceiro caindo; e a figura ameaçadora da serpente a fervilhar n'água, povoando-lhe a imaginação. Apavora-se!...

Sacoleja a porta com violência, contribuindo para firmar-lhe a trancadura. Caça jeito. Enfia o antebraço entre as duas partes da porta rumo à tramela. Os dedos roçam nela, deslizam sobre ela alimentando a esperança de conseguir puxá-la para cima. Irritado, em desespero, força mais e mais o braço para a mão descer. Com pressão de torquês as duas bandas de porta esfolam-lhe a pele da cana do braço, numa ameaça de esmigalhá-la. A preocupação ignora a dor. Nem sente o apertão daquela porta partida.

Ocorre-lhe que poderia levantar a tramela utilizando a faca vista em cima do fogão. Para tudo há jeito. Anima-se, embora apreensivo com a cobra nadadeira naquela escuridão.

Quis diligenciar. Mas, cadê retirar o braço enfiado entre a parte de cima e a parte de baixo da porta partida! A violência da compressão acinturara-lhe o antebraço, garroteando-o; circulação interrompida; dormência a tomar conta, estender-se à mão insensibilizando dedos. Pavor!...

Apavorado, grita. Grita, grita, grita até enrouquecer, e emudece. Talvez tenham-se-lhe rompido cordas vocais. Em pensamento, clama a todos os santos da Corte Celeste cujos nomes lhe vêm à mente. A todos! Não por desconfiança quanto ao próprio

merecimento, não, rezava o rosário toda noite, na rede, embora quase sempre a cochilar. Não seria demérito perante a Mansão Celeste, pois mais de uma vez, no momento da reza, sonhara batendo à porta da Eternidade. Entretanto, a situação... e aí vinha o desespero...

Quando menino, menino traquinas, Venâncio pendurava-se naquela porta e a impulsionava fazendo-a bater com força. Sua mãe puxava-lhe a orelha em recomendação para que não fizesse aquilo. Mas ele fazia. Repetia o maltrato com a porta. Homem feito, utilizava o pé para abri-la ou fechá-la, às vezes com chute se a percebia destrancada, e a porta estrondava na parede, estremecia no caixilho. Seria vingança da porta a situação que vivia?!

A chuvarada modera, nem mais ressoa na telha molhada, ou então o ressoo se incorporara à agonia do manietado. Do cantar dos galos não recorda. Amanhece. Lá fora voltam as atividades do dia a dia. Galinhas de pinto cacarejam e outras cantam anunciando botada do ovo. É a vida!... Batidas na porta que o prende, com a mão livre ou os joelhos, morrem no terreiro da cozinha. Terreiro cercado para ninguém penetrá-lo. A voz um balbucio, o grito um sopro. Havia dito à viúva idosa que estaria ausente por uns dias.

Sem parentes nem aderentes nas redondezas, e como a sua mesquinhez dificultava ou mesmo impedia convívios, amizades, carecia quem observasse a falta da sua presença.

Acredita-se que urubu tem faro. Quando os urubus pousam no telhado a meninada e até gente grande os enxotam a pedradas, pois urubu em cima de casa, diz o povo, dá azar.

## FANAL DAS ESTAÇÕES

Diego Mendes Sousa

A criação é uma consulta íntima  
às estações da alma.

Viajo sentado na poltrona azul  
de uma nave medonha,  
que me leva a um lugar  
de sagrações e eternidades.

Constato no horizonte desigual  
o que as pupilas sangrentas  
sempre procuraram antes:  
o sol do fim da tarde,  
que vai se escondendo devagarinho  
nas nuvens que passam também em mora,  
agora escuras e distantes.

Os fantasmas da minha solidão  
vão embora  
porém me dizem que devo dormir  
para não ver a noite,  
que se avizinha logo.

Mas grito, rasgo as veias do pescoço ativo,  
digo a todos eles:

– Não desejo sonhar!  
– Não tenho medo,  
pois tenho o colo da primavera,  
povoado de muito desespero!

A poesia quer-me lúcido para morrer bem  
em seu delírio de sombra e claridade,  
a ruminar o mistério, o atávico  
e quiçá, o insondável.

Talvez na infância?  
Talvez no umbigo da estadia materna?

De pronto, na calada dos abismos infernais.

De Fanais dos Verdes Luzeiros (2017)

# CONFISSÕES NO CERRADO

Emanuel Medeiros Vieira

PARA MEU PAI ALFREDO, "IN MEMORIAM", COM IMENSA SAUDADE  
(E para meus amigos)

(...) *"Mais que tornar o pranto em flor, quisera/ transfigurar do tédio a morna esfera/ nesta nuvem de sonhos em que estou./*

*O que ousara, Senhor, o que desejo/é ser como a canção de um realejo/tocado pelo cego que não sou". (Anderson Braga Horta-1934)*

*"Escrevo. E pronto./Escrevo porque preciso,/preciso porque estou tonto. (...)*

*A aranha tece teias ./O peixe beija e morde o que vê./*

*Eu escrevo apenas. Tem que ter por quê?" (Paulo Leminski - 1944-1989)*

Ele me olhou, olhou de novo, exames em cima da mesa e disse: "o tumor está aqui". Um tumor. Na mesa do médico, a foto de sua mulher e de seus filhos. Eu fui encaminhado a ele. De uma emergência. Era 30 de dezembro de 2014. Despedi-me, desci o elevador. Só no táxi – abrindo a janela do carro, contemplando ipês roxos que sempre amei, moços e moças, pontos de ônibus cheios, uma menina com um picolé – internalizei, entendi. Mas mesmo "entendendo", não poderia entender/imaginar como seria a minha tanto daí em diante. Uma vida? Sim. Uma vida. Provisória, finita – ironia: um tema que sempre abordei nos meus livros, em tantos textos avulsos (a memória, o tempo, a vida e a morte). Um poema de Samuel Beckett (1906-1989) diz: "Cegos como o destino/ Nascemos morremos/Sem a noção do tempo".

Laboratórios sempre, clínicas sempre, exames sempre, oncologistas sempre. E quimioterapia (Afasta de mim esse cálice). E outros exames mais complexos e demorados para ver como "anda" o tumor. Aumentou? Foi para "outros lugares?" Regrediu? É preciso seguir em frente – digo para mim mesmo (sempre).

E um anjo torto fala com extrema dureza: "Aguenta firme. Sem queixas. Enfrenta. Não aguentaste outras situações difíceis?". É verdade.

Meu temor, amigos: cair na autopiedade, na chorumela. Sim. "Evite a autopiedade e autocomiseração", ordena o mesmo anjo torto (um promotor interno?). Vim de outras batalhas– reitero, lembrando as palavras do anjo torto. O que quer dizer isso? Alguém disse para um amigo: "Ele nunca deixou o Vaticano". Vaticano? Não seria o Poder, que nunca amei. Seria o menino sacristão? O adolescente da Cruzada Eucarística? O jovem da Congregação Mariana? O moço dos colégios jesuítas? Não, não caí na TFP, mas sim na Ação Popular (AP)... Sofrimentos, processo, tortura? Escolhi o caminho: não posso reclamar. Era Médici no poder. Amores. E Célia – o amor da maturidade. E Clarice: sempre luz. Não peço glória. Só disse para a Clarice, quando crescia: "é uma medalha que carrego no peito, filha". As marcas, cicatrizes estão no meu corpo: quando achava que poderia mudar o mundo. Retórico? É assim mesmo. Para um compadre, mais tarde, disseram que eu era um "udenista tardio". Ou "moralista". Alfredo, meu pai, num sonho, disse que era meu intercessor junto ao Pai. Como minha mãe, como os irmãos e amigos que já partiram, e que amei muito. Moralista? Porque sempre considerei a corrupção um crime de lesa-humanidade. De qualquer forma. Um crime devastador – mesmo que revestido de falsas boas intenções (pura hipocrisia). Crime contra os sem nada, contra os pequenos, contra os humilhados e ofendidos da terra (o tom é de tribuno – reconheço que nunca deixei de sê-lo). E ainda quando praticada – com deslumbramento e saqueando o país – por gente que "prometeu" mudar as práticas nacionais. Patrimonialismo, colonialismo, desrespeito ao outro, espírito escravocrata internalizado na alma, privatização do Estado em favor de oligarquias. Acusam-se. Os que estavam antes no Poder, e os de agora. Mas são frutos da mesma costela, das mesmas práticas. Mas não quero politizar meu texto – só pretendia ser radicalmente sincero.

Saudades de Jango. Saudade do Dr. Ulysses, que tinha ódio e nojo à ditadura. Saudades de Tancredo que dizia: "não nos dispersemos".

Um "guru" disse para outro amigo: "O que o salvou foi um Guardião. Se não fosse Ele, já estaria morto". Referia-se a mim. Guardião? Seria São Miguel Arcanjo? Remei contra a corrente, filha. É da vida. Biblicamente, diria: A quem muito foi dado, muito será cobrado.

Acredito/não acredito.

E agradeço. Bênção: esta vida. Também iluminação. Não dobrei a espinha. Apanhei na ditadura e, metaforicamente, bateram para valer nos anos recentes. Inveja, dissimulação. Eu sei quem são eles. E vi o que foi feito de um "projeto". Sempre do contra? Viva a literatura! Houve calhordas – e crueldade? Houve. *Mas também muitos amigos. E o amor.*

*"Viva a cada dia como se fosse o último e, um dia você estará certo", diz o (a) personagem Jeannie Berlin, do filme "Café Society", de Woody Allen (1935).*

*Lembro do (a) personagem de Jean-Luc Godard (1930), em "Acossado" ("À Bout de Souffle"), de 1960, interpretado (a) pela eternamente bela Jean Seberg (1938-1979), perguntando a outro personagem: Qual é sua maior ambição (sonho – algo assim): "Ser eterno e depois morrer".*

Viver. Morrer.

*"Quando morrer o vento continuará ventando", disse Eduardo Galeano (1940-2015).*

O dramaturgo Edward Albee (1928-2016) afirmou: "Percebo que muita gente gasta a maior parte do tempo vivendo como se não fosse morrer".

Há um ano, oito meses e vinte e dois dias, tenho o "inimigo íntimo" dentro de mim. O tal do tumor. *Vou em frente.*

*Então, o Guardião, dirá: "vem comigo. É a tua hora". E, diante da Indesejada das Gentes, ainda quero abraçar o meu Guardião e todos aqueles a quem amo e amei. É assim. Pessimismo? Creio que não. Seguir em frente – sempre (já afirmei aqui). Será assim? Com a certeza de que – como já o disseram – a Morada da Alma é a Memória.*

(Brasília, setembro de 2016)

# O JUNCO É IRMÃO DE MACONDO

Marcelo Torres

Neste 2017 temos o jubileu de ouro de *Cem Anos de Solidão*, um dos livros mais porretas da literatura universal, de autoria do colombiano Gabriel García Márquez, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

O romance narra mais de um século de histórias, envolvendo gerações da família Buendía. Além de todo o encanto do romance, uma coisa que me atraiu feito ímã, no livro, foi a semelhança entre Macondo e o Junco.

E parece que eu não estava sozinho com essa percepção. Em um trecho de resenha publicada no *Estadão* em 6.3.1988, o poeta, ensaísta e crítico literário Cid Seixas comparou Junco e Macondo.

Disse ele que o "Junco de Antônio Torres e Macondo de Gabriel García Márquez, capitais de países tão diversos, são cidades um pouco parecidas. Cidades que flutuam na memória e na sensibilidade de milhares de leitores".

Na minha memória e sensibilidade ficou também a revelação feita pelo escritor Antônio Callado ao amigo Luiz Eudes, um cabra que nasceu por acaso no ABC Paulista, mas que teve a sorte de ser criado no Junco:

"Tenho inveja de García Márquez e de Antônio Torres", brincou Callado. "Um pode dizer que nasceu num lugar qualquer da Colômbia, que ele chama em seus livros de Macondo. O outro é do Junco. Isso dá a eles um colorido que não tem, por exemplo, alguém como eu, que nasci em Niterói, uma cidade igual a qualquer outra."

Macondo é o ambiente de muitas obras de García Márquez, especialmente *Cem Anos de Solidão*. Junco, mesmo sendo apenas um lugar, é o maior personagem das obras de Antônio Torres, como se vê/lê em *Essa Terra*.

Macondo foi uma fazenda onde moraram os avós de García Márquez, nos arredores da cidade de Aracataca, na Colômbia. Junco de Fora e Junco de Dentro foram fazendas criadas pela família Cruz, nas cercanias do que hoje é a cidade de Sátiro Dias, Bahia, Brasil.

Os dois nomes vieram dali do chão, da terra. Macondo era um fruto (talvez um tipo de banana) comum no início do povoado colombiano. Junco era uma planta flexível muito encontrada no começo da povoação da cidade baiana.

Em *Cem Anos de Solidão*, Macondo é "uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos".

Já o Junco nasceu a partir de uma lagoa – Lagoa das Pombas, primeiro nome do lugar. Perto havia uma pedra enorme, como ovo pré-histórico, onde vaqueiros paravam para que eles e seus cavalos e o gado descansassem – era a Malhada da Pedra.

No romance de García Márquez, Macondo nasce de uma viagem da família Buendía, comandada pelo patriarca José Arcadio Buendía. Já o Junco nasce da viagem da família Cruz, sob o comando do patriarca João da Cruz.

*Essa Terra* tem início com alguém dizendo "Se estiver vivo um dia ele aparece". *Cem Anos de Solidão* começa com "Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota..."

Eis, enfim, um pouco de Macondo e do Junco, essas duas "capitais de países tão diversos", no dizer de Cid Seixas, esses dois irmãos distantes – um localizado no departamento de Magdalena, na Colômbia; o outro no sertão da Bahia, Brasil.